



DAVID ROBERTS | ESPECIALISTA EM INOVAÇÃO

“A maioria das universidades do mundo vai desaparecer”

Especialista em inovação e membro da Singularity University, a universidade do Vale do Silício, acredita que o diploma já não é útil



ANA TORRES
MENÁRGUEZ

Oslo - 24 OUT 2016 - 19:01 CEST

Quando David Roberts era criança, seu pai lhe contou que [Thomas Edison](#) fez muito mais pela humanidade com a invenção da lâmpada do que qualquer político na história. Essa ideia marcou sua caminhada. Roberts é um dos maiores especialistas em tecnologia disruptiva do mundo e também um dos rostos mais conhecidos da [Singularity University](#), a universidade do [Vale do Silício](#) criada em 2009 com o apoio da [NASA](#) e do [Google](#).



David Roberts após sua palestra na Oslo Innovation Week. /GORM K. GAARE (EUP-BERLIN)

Roberts considera que o formato de negócio das universidades tem os dias contados e que somente sobreviverão aquelas que possuírem um nome forte. A

Singularity University rompeu com o modelo de diploma; não expede títulos e não existem créditos. Seu único objetivo é formar líderes capazes de inovar e se atreverem a quebrar as normas para alcançar o ambicioso desafio que define a universidade desde sua criação. Seus alunos devem utilizar a tecnologia para resolver os [oito grandes desafios do planeta](#): alimentar toda a população, garantir o acesso à água potável, educação para todos, serviços básicos de saúde, energia sustentável, segurança, cuidado com o Meio Ambiente e acabar com a pobreza. Tudo em menos de 20 anos.

Roberts recebe o EL PAÍS na [Oslo Innovation Week](#), um encontro organizado pelo governo norueguês para detectar as novas tendências em inovação que estão transformando a economia.

Pergunta. Na Singularity University (SU) os cursos não possuem créditos. Isso quer dizer que estão rompendo com os títulos oficiais. As universidades e os governos fazem negócios com isso. Acreditam que estão dispostos a mudar o modelo?

Resposta. Não, não acredito que estão abertas à transformação. Hoje em dia vemos a maior disrupção da história na educação e a mentalidade habitual diante dessas transformações tão radicais costuma ser a de pensar que o anterior era melhor. Aconteceu no mercado norte-americano quando chegaram os carros japoneses; eram mais baratos e todos pensavam que de pior qualidade, até que ficou demonstrado que eram melhores. Com a educação acontecerá a mesma coisa; as grandes universidades não querem oferecer seus conteúdos online porque acreditam que a experiência dos alunos será pior, que não existe nada que possa igualar o frente a frente com o professor na sala de aula. Enquanto ignoram a revolução que acontece fora, a experiência de aprendizagem online irá melhorando. Os programas acadêmicos fechados e os créditos já não fazem sentido porque nos cinco anos que as graduações

MAIS INFORMAÇÕES

Sugata Mitra: “As provas não servem mais, são uma ameaça”

Os quatro estilos de aprendizagem – ou por que alguns leem os manuais e outros não

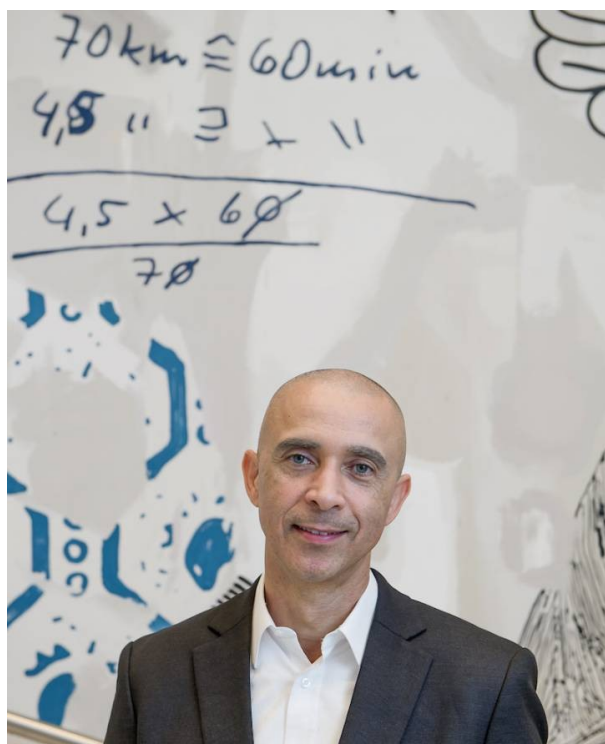
Allen Blue: “O mais importante para contratar alguém já não é o título”

“Plano de reforma de ensino pode aumentar desigualdades. Apresentá-lo por MP é grave”

costumam durar os conhecimentos ficam obsoletos. Nós não oferecemos diplomas e créditos porque o conteúdo que ensinamos muda todo ano.

P. Existe alguma plataforma de aprendizagem online que se destaca sobre as demais?

R. [A Udacity](#). Em 2011 o professor da [Universidade de Stanford](#) Sebastian Thrun, o maior especialista em [Inteligência Artificial](#) dos [Estados Unidos](#), quis dar um de seus cursos na Internet, grátis e para todo mundo. Quase 160.000 estudantes de mais de 190 países se inscreveram e a porcentagem de alunos que obteve um A (Nota dez) foi superior à das classes presenciais. Thrun deixou Stanford e montou a Udacity, onde desenvolveu uma metodologia de ensino totalmente nova. Além disso, criou um novo modelo de negócios: se você termina o curso no tempo certo devolvem seu dinheiro e se você não conseguir um trabalho três meses depois, também. Você imagina algo assim em uma universidade tradicional? As únicas universidades que sobreviverão são as que têm um nome forte, como [Harvard](#) e Stanford, e no caso da Espanha as melhores escolas de negócios. Os nomes dão distinção e isso significa algo para o mundo. As outras, vão desaparecer.



David Roberts depois de sua conferência na Oslo Innovation Week. /GORM K. GAARE (EUP-BERLIN)

P. O principal programa da SU, a versão [Vale do Silício](#) do tradicional MBA, dura 10 semanas e custa 25.000 dólares (79.000 reais). Esse preço está bem distante de um de seus objetivos: a educação acessível a todos.

R. A nossa é uma universidade excepcional. Não se trata somente de adquirir informação e aprender algo muito específico online, como acontece, por exemplo, com a [Khan Academy](#). Nós vamos além. Oferecemos uma experiência que

muda sua mentalidade, que transforma as pessoas e quando saem não voltam a ser as mesmas. Aconteceu comigo. Alguns anos após o 11 de Setembro me coloquei à disposição do Governo e me tornei oficial das forças aéreas. Quando escutei que queriam criar uma universidade para resolver os grandes problemas do mundo, ficou claro para mim que participaria. E o fiz; primeiro como aluno e depois como vice-presidente e diretor do Global Solutions Program. Lá você percebe que a vida é curta e que pode fazer coisas ordinárias ou extraordinárias. Quando você está na classe com outras pessoas, começa a se dar conta do potencial que tem, sua visão de si mesmo e do futuro muda. Você não chega nesse ponto unicamente com o método habitual de receber informação.

P. Qual é hoje o principal problema da educação?

R. A educação está falida. Ensinamos as pessoas da mesma maneira durante os últimos 100 anos e, como crescemos nesse sistema, achamos que é normal, mas é uma loucura. Ensinamos nas escolas o que os colonialistas ingleses queriam que as pessoas aprendessem: matemática básica para poder fazer cálculo, literatura inglesa... Hoje não faz sentido. Temos de ensinar ferramentas que ajudem as pessoas a ter uma vida gratificante, agradável e que as preencha. Alguns têm sorte de ter pais que lhes oferecem isso, mas a maioria não. Os programas acadêmicos são muito controlados porque os governos querem um modelo padrão e acreditam que os exames são uma boa forma de fazer isso. Outro dos grandes dramas é a falta de personalização nas aulas. Quando um professor fala, para alguns alunos será rápido demais, para outros muito devagar e para outros terá a velocidade certa. Depois são avaliados e sua curva de aprendizagem não importa, são acelerados no curso seguinte. Hoje sabemos que se nos adaptamos aos diferentes tipos de inteligências, 98% dos alunos terão melhor resultado.

P. Que matérias deveriam ser imprescindíveis?

R. A ideia de aprender muito, apenas para o caso de um dia precisar, é absurda. Talvez devêssemos substituir a ideia de educação pela de aprendizagem e permitir que as pessoas aprendam em tempo real, segundo suas necessidades.

O verdadeiro propósito da escola deveria ser gerar curiosidade, pessoas com fome de aprender, e é nisso que os professores têm de ser bons. As habilidades emocionais vão desempenhar um papel muito importante na nova economia. Coloco um exemplo. Os motoristas do [Uber](#) nos Estados Unidos são pontuados pelos clientes de um a cinco. Se algum dos motoristas tem menos de 4,6 ou mais de três opiniões negativas, diretamente é excluído da plataforma. O mesmo acontece com os usuários: se têm menos de 4,6, nenhum motorista os pegará. Quem me ensina a ser honesto, íntegro e ter compaixão?

P. Já se falou muito de que em menos de 50 anos os robôs acabarão com a maioria dos empregos. Como será o novo mercado de trabalho?

R. Há 50 anos éramos produtores rurais. Todos estavam preocupados porque as máquinas nos tirariam o trabalho, era a única forma de ganhar dinheiro: ter uma propriedade rural e vender comida. Hoje as coisas mudam 50 vezes mais rápido; há 20 anos ninguém sabia o que era um desenvolvedor web e agora há milhares, é muito fácil e qualquer um pode fazê-lo. Todo mundo se pergunta em que trabalho seremos melhores do que os computadores. Em nenhum. Essa não é a pergunta certa. É preciso perguntar que tarefas não queremos que façam, apesar de poderem fazer melhor. Não os queremos como militares, nem como prefeitos, nem que decidam que presos podem sair da cadeia. Isso é o que temos de ensinar as pessoas a decidir.

SOFTWARE, 3D E DRONES

Reconhecido como um dos maiores especialistas em inovação disruptiva do mundo, David Roberts foi vice-presidente da Singularity University e diretor de seu programa Global Solutions Program. Formado em Engenharia de Computação pelo [Massachusetts Institute of Technology](#) (MIT), se especializou depois em Inteligência Artificial e Engenharia Bio-Computacional e cursou um MBA na [Harvard Business School](#). É presidente da empresa de drones HaloDrop, da primeira empresa de software para computadores quantum 1Bbit e assessor da Made-In-Space, responsável pela criação do primeiro objeto fabricado com uma impressora 3D para a Estação Espacial.

P. Como podemos estar seguros de que haverá trabalho para todos?

R. A questão que você me faz é se o dinheiro será mais ou menos importante no futuro. Eu costumava pensar que a evolução da tecnologia faz os custos baixarem e que assim as pessoas pagariam menos pelos mesmos serviços. Seguindo essa previsão, seria possível pensar que vamos trabalhar menos porque não precisaremos de tanto dinheiro e teremos mais lazer. Está errado. O ser humano continuará criando produtos excepcionais, como o [iPhone](#); todo mundo vai querer um. Teremos de ser capazes de criar valor para gerar dinheiro e poder comprar essas coisas. A realidade virtual, a impressão 3D ou a saúde serão algumas das áreas que vão nos surpreender. O mundo continuará girando em torno do dinheiro, que é a energia para fazer coisas ou mudá-las. Essas novas invenções vão nos inspirar a trabalhar para poder comprar.

P. A chave do sucesso está na confiança em si mesmo? Isso se aprende na SU?

R. Como aluno, aprendi que uma única pessoa pode impactar positivamente todo o planeta. Esse dom não está reservado a pessoas especiais, mas as pessoas normais, como você e eu. As pessoas se transformam no que pensam. Que potencial tem um bebê? A maioria das pessoas responde que é ilimitado, mas se você lhes pergunta sobre seu próprio potencial, não responderão a mesma coisa. Minha missão agora é viajar pelo mundo sob a marca da Singularity University para mostrar aos governos, empresas e instituições que o poder para inovar está aí, só temos de dar o primeiro passo: mudar a mentalidade.

P. O sr. acredita que os universitários também devem mudar a mentalidade?

R. Sim. A aspiração não deve ser a de ser contratado por uma empresa. Isso significa que vão te pagar menos do que você merece. Não temos que ensinar como conseguir um emprego, mas como criá-lo.



ARQUIVADO EM:

Silicon Valley · San Francisco · Inteligência artificial · Califórnia · Universidade · Computação

· Estados Unidos · Educação superior · América do Norte · Sistema educativo · Educação
· Informática · América · Indústria

CONTEÚDO PATROCINADO



Veja 05 dicas infalíveis para uma estratégia de

(ADOBE ANALYTICS)



Tecnologia de espionagem barata. Rastreie seu veículo

(GADGET REVOLUTION)



Ações da VALE chegaram ao fundo do poço? Veja o que

(TORO RADAR)



Você já sonhou em ser escritor? Então se liga neste Prêmio da

(AMAZON)

VEJA TAMBÉM...



“Acho ótimo que ‘Black Mirror’ provoque terror. É

(EL PAÍS)



Pais do suspeito de matar família na Espanha

(EL PAÍS)



PEC 241: projeto que limita gastos públicos será divisor

(EL PAÍS)



Polícia do Senado tentou atraparlar a Lava Jato. Só não se

(EL PAÍS)

Recomendado por

© EDICIONES EL PAÍS, S.L.

[Contato](#) | [Venda](#) | [Publicidade](#) | [Aviso legal](#) | [Política cookies](#) | [Mapa](#) | [EL PAÍS no KIOSKOyMÁS](#) | [Índice](#) | [RSS](#) |